

Ventos favoráveis às contradições: uma análise das composições discursivas e imagéticas das travestilidades no periódico *Lampião da Esquina* – RJ (1978-1981)

Favorable winds for contradictions: an analysis of the imagery and discursive compositions of travestilities in the journal *Lampião da Esquina* – RJ (1978-1981)



RUBBI, Gustavo de Souza *

 <https://orcid.org/0000-0002-4731-2621>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar, em quarenta e uma edições do jornal *Lampião da Esquina* – veiculadas entre 1978 e 1981 –, os discursos, imagéticos e textuais, veiculados pelo periódico acerca das travestis. Para isso, analisaram-se os diálogos e embates do corpo editorial, buscando evidenciar as tensões presentes nas diferentes formas de compor a imagem das travestis. O estudo das representações e visualidades elaboradas pelos editores acerca das travestilidades demonstrou que determinadas publicações e imagens que compõem as edições do periódico são veiculadas como símbolo do poder masculino e, em certa medida, como afirmação de uma masculinidade viril. A análise possibilitou ainda revelar que, no decorrer das publicações, os editores buscaram agrupar as múltiplas identidades que se mesclavam em torno da concepção de homossexuais, fabricando e reafirmando uma hierarquia.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero; *Lampião da Esquina*; Representação; Travesti; Visualidade.

ABSTRACT: This paper aims to analyze in forty-one editions of the newspaper *Lampião da Esquina* – published between 1978 and 1981 –, the imagery and textual speeches that the newspaper reproduced about transvestites. The conflicts of the editorial have been analyzed, demonstrating the tensions in the different ways of composing the transvestites' image. The study of the representations and visualities elaborated by the editors about transvestites showed that certain publications and pictures in the journal's editions were published as a symbol of male power to assert virile masculinity. The analysis made it possible to reveal that throughout the publications the editors gathered multiple identities around the conception of homosexuals, producing and reaffirming a hierarchy.

KEYWORDS: Gender; *Lampião da Esquina*; Representation; Transvestite; Visuality.

Recebido em: 07/02/2023
Aprovado em: 08/05/2023

* Graduado em história pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Ituiutaba – MG. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História (PPGHI-UFU), Uberlândia – MG. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Este artigo expõe resultados parciais da pesquisa em curso, intitulada *Perdidas na esquina: uma análise das lutas de representações e composições visuais das travestis no jornal Lampião da Esquina - RJ (1978-1981)*. E-mail: gustavorubbi@hotmail.com



Este é um artigo de acesso livre distribuído sob licença dos termos da Creative Commons Attribution License.

Introdução

Ventos favoráveis sopram no rumo de uma certa liberalização do quadro nacional: em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia, uma investigação das alternativas propostas faz até com que se fareje uma "abertura" do discurso brasileiro. Mas um jornal homossexual, para quê?

(O CONSELHO EDITORIAL, 1978, p. 2)

Brasil, 29 de agosto de 1974. Em discurso proferido no Palácio da Alvorada, o general Ernesto Geisel colocou em prática o plano dos militares de institucionalizar o Regime Militar e incorporar as bases e estruturas desse sistema na Constituição.¹ Esse processo, como proferido por Geisel, deveria se resumir em uma “lenta, gradativa e segura distensão” (1974, p. 122). O general delineou um lento processo de institucionalização que objetivou substituir os sistemas de repressão, a censura e as prisões arbitrárias por medidas que garantissem a segurança do regime e dos militares envolvidos (Fico, 2020, p. 95).

Paralelamente a esse projeto expandiu-se na cena cultural, política e social as insatisfações ao governo. A oposição cresceu: as greves operárias do ABC paulista se espalharam para outras cidades; o movimento pela anistia ganhou corpo e foi às ruas; o movimento feminista brasileiro, que contestava a ordem política instituída pelo golpe militar de 1964 e a volta do exterior de milhares de exilados, proporcionou mudanças no contexto brasileiro e a eclosão, na esfera pública, de temas até então pouco explorados no campo político, entre os quais as discussões a respeito das homossexualidades.

É nesse cenário de efervescência que Winston Leyland, editor do jornal estadunidense *Gay Sunshine*, veio para o Brasil. Em 1977, Leyland encontrou-se com João Antônio Mascarenhas e outros intelectuais e jornalistas para ser entrevistado. Em meio aos encontros, Mascarenhas começou a organizar um grupo de homossexuais que, inspirados pelas ideias de Leyland, passaram a discutir a possibilidade de criar no Brasil uma publicação que abordasse a homossexualidade e o seu contexto social (Macrae, 2018, p. 53). Assim, a partir da realização de várias reuniões surgiu, em abril de 1978, o jornal *Lampião da Esquina*.

¹ Carlos Fico ressalta que o debate a respeito de como transcorreu o fim da ditadura é um tema envolto em grandes controvérsias. Por uma perspectiva, há pesquisadores que consideram que a resistência democrática acelerou a redemocratização. Em contrapartida, há aqueles que destacam que a democratização foi resultado da imposição do projeto de abertura democrática arquitetado pelos militares. Ver mais em: (Fico, 2020, p. 94).

Sediado no Rio de Janeiro, o periódico publicado na chamada imprensa alternativa² propunha como objetivos em seu editorial desvincular a imagem dos homossexuais de preconceitos e preceitos negativos, bem como “ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados” (Lampião da Esquina, 1978, p. 2). Produzido e editado por homossexuais, o *Lampião da Esquina* circulou predominantemente entre Rio de Janeiro e São Paulo, mas alcançou, de certa forma, outras capitais do Brasil por meio de assinaturas individuais.³ A publicação durou três anos com tiragens mensais de 12 a 15 mil exemplares, com aproximadamente 20 páginas por edição (Rodrigues, 2020, p. 26). Entre abril de 1978 e julho de 1981, foram publicadas 38 edições regulares e 3 edições extras, das quais cerca de 28 edições destacaram, através de reportagens, artigos de opinião, entrevistas e cartas, a temática de gênero e corpo das⁴ travestis.⁵ Nota-se, portanto, um interesse, por parte do conselho editorial em classificar, representar e definir as práticas e experiências que envolviam as subjetivações dessas identidades.

Além de construir uma narrativa sobre a situação social e política do grupo de homossexuais, o *Lampião da Esquina* selecionou “temas e assuntos que orientavam e de certa forma fundamentavam a constituição e fortalecimento de identidades” (Rodrigues, 2015, p. 92). Nesse sentido, este artigo objetiva compreender as elaborações referentes às identidades travestis veiculadas pelo jornal, entre os anos 1978 e 1981, analisando de que forma o projeto político, o projeto gráfico e as narrativas produzidas pelos editores

² Imprensa alternativa ou também conhecida como imprensa *nanica* é entendida pelo autor Bernardo Kucinski como um veículo de informação que se contrapunha ao discurso da grande mídia e ao discurso oficial. O autor classificou duas grandes classes de jornais alternativos. A primeira de caráter político, com viés de valorização do nacional e do popular. A segunda classe possuía influências da contracultura norte americana, do orientalismo e do anarquismo. Ver mais em: (Kucinski, 2001).

³ Conforme informações disponíveis nas edições do *Lampião da Esquina*, o jornal foi distribuído no Rio de Janeiro, em São Paulo, Curitiba, Londrina, Florianópolis, Jundiaí, Campos, Belo Horizonte, Divinópolis, Juiz de Fora, Vitória, Aracaju, Maceió, Recife, João Pessoa e Campina Grande. Ver mais em: (Lampião da Esquina, 1980, p. 2).

⁴ O termo travestis, no feminino, indica discussões a respeito da construção e afirmação de uma identidade travesti. Assim, apesar da documentação utilizar o artigo masculino para designar as experiências das travestilidades, neste texto se reconhece o avanço das lutas identitárias de organizações travesti em defesa do reconhecimento de sua identificação feminina, portanto, em consonância com esses movimentos utiliza-se o pronome feminino. Além disso, essa escolha se ampara em um conjunto de pesquisadores que também optaram por reconhecer a identificação feminina. Ver mais em: (Duque, 2012; Cabral, 2015; Louro, 2004).

⁵ Esse dado é uma estimativa obtida através da análise das 41 edições. A leitura das edições foi acompanhada da produção de uma *ficha de análise* que possuía o registro de uma ficha técnica (com dados referente à cidade de produção, ao ano, número da edição e data da publicação) e uma descrição do jornal (com dados referentes às informações contidas na capa e matérias que tratassem da temática das travestilidades). Além disso, localizou-se a frequência com que as palavras travestis, transexuais, bichalouca, mariposas, bicha biônica, bonecas e deslumbradas (palavras utilizadas pelos editores como sinônimo de travesti) apareciam em cada uma das edições. A partir disso, chegou-se à estimativa de que em mais da metade das edições disponibilizadas a temática das travestis estava presente.

influenciaram nas representações e nas visualidades acerca das travestilidades.⁶ Em um primeiro momento são analisadas as estratégias do projeto político do *Lampião da Esquina*. Buscou-se caracterizar os objetivos que moveram o projeto político e as estratégias que foram utilizadas para a sua afirmação, de modo a situar o tratamento dado pelos editores às temáticas referentes às travestilidades. Em seguida, são apresentados os esforços e tentativas do corpo editorial em afirmar a identidade gay como um projeto viável para a sociedade que estava sendo construída no período de abertura democrática, analisando também o repertório imagético mobilizado pelos editores para compor a visualidade das identidades que se mesclavam na concepção de homossexual, entre as quais, as travestilidades.

Os “senhores do conselho” composto inicialmente pelo jornalista Adão Costa; o escritor e jornalista Aguinaldo Silva; o crítico musical e jornalista Antônio Chrysóstomo; o crítico de cinema e jornalista Clóvis Marques; o escritor e artista plástico Darcy Penteado; o poeta, crítico de arte e jornalista Francisco Bittencourt; o jornalista e escritor Gasparino Damata; o crítico de cinema e um dos teóricos do *Cinema Novo* Jean Claude Bernardet; o advogado, jornalista e tradutor João Antônio Mascarenhas; o cineasta e escritor João Silvério Trevisan e o antropólogo Peter Fry (*Lampião da Esquina*, 1978, p. 2) partindo da proposta de criar um jornal que desse voz e representasse todos os grupos injustamente discriminados, colocaram em prática os objetivos do projeto político do *Lampião da Esquina*. Mas quais eram os objetivos e estratégias que moveram esse projeto? Além disso, como o projeto político proposto pelo corpo editorial dialogou com as identidades que buscava representar? Mais especificamente sobre as identidades travestis, como elas se encaixaram e se excluíram desse projeto? São essas as questões centrais que mobilizam as discussões deste artigo.

Como forma de analisar as temáticas estabelecidas e responder aos questionamentos propostos, buscou-se apoio em conceitos e categorias de pesquisa. Nesse sentido, entendendo que as percepções do social não são discursos neutros, utilizou-se das categorias de práticas e representações de Roger Chartier. O autor define representação como um instrumento pelo qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, constrói significados sobre o mundo social (Chartier, 2002, p. 75). No que diz respeito ao conceito de práticas, Chartier o define como modos de agir carregados de intencionalidade e que correspondem a interesses específicos. Dessa forma, essas categorias tornaram-se úteis, tanto para analisar a forma como as práticas travestis

⁶ Conceito utilizado para se referir à multiplicidade de processos identitários pelos quais as travestis passam para se construírem enquanto femininas. Indica também a complexidade das experiências relacionadas à construção e desconstrução do gênero e corpo travesti. Ver mais em: (Pelúcio, 2007).

foram produzidas pelo jornal, quanto para tornar inteligíveis as formas discursivas que elas utilizaram para se afirmar nos debates estabelecidos com o corpo editorial do periódico.

Segundo Francisco Júnior, o conceito de representação não pode ser subordinado às análises específicas das imagens em geral, visto que ele não abrange todos os processos de construções de significados empreendidos no meio social. Além disso, uma imagem não estabelece apenas relações representacionais, ela pode também colidir com o mundo que a gerou (Júnior, 2008, p. 66). Portanto, a análise dos processos de composições imagéticas das travestilidades realizadas nas publicações do *Lampião da Esquina* apoiou-se na concepção de visualidades de Nicholas Mirzoeff. Para o autor, a visualidade é um termo que faz referência à visualização histórica, ou seja, é uma prática imaginária criada a partir de informações e imagens (Mirzoeff, 2016). Assim, considerando que a visualidade atua construindo imaginários e formulando imagens e informações a respeito das coisas e das identidades, o conceito tornou-se útil para a análise dos elementos imagéticos/visuais que o jornal utilizou para definir as travestilidades.

O primeiro sexo e as estratégias representacionais: as concepções de gueto defendidas e elaboradas pelo *Lampião da Esquina*

"Como será que eles descobriram?" (*Lampião da Esquina*, 1978, p. 9). Essa foi a dúvida que pairou sobre as pessoas que receberam a edição experimental do *Lampião da Esquina*. O número zero do periódico teve sua circulação restrita e foi entregue protegido por um envelope de papel pardo, de modo a não comprometer a identidade de quem o recebesse (Rodrigues, 2007, p. 67-68). Com o periódico em mãos, lia-se estampado na capa o nome *Lampião*⁷ e a chamada para a notícia "Homo eroticus – um ensaio de Darcy Penteado" (*Lampião da Esquina*, 1978, p. 1). Não havia dúvidas de que se tratava de uma publicação em cujo discurso abordou questões sobre as homossexualidades. O editorial dessa edição demonstrou as principais estratégias que moveram os objetivos do projeto político do *Lampião da Esquina*.

Em seu editorial, intitulado *Saindo do gueto*, os editores revelaram que a luta do *Lampião da Esquina* se empenhou em "desmoralizar esse conceito que alguns nos

⁷ Jorge Luís Pinto Rodrigues aponta que o número zero do jornal vem nomeado apenas como *Lampião*. A partir do número um, o nome estampado na capa passa a ser *Lampião da Esquina*. Segundo o autor, a mudança ocorre pois já existia no Rio Grande do Sul um jornal registrado como *Lampião*. Entretanto, Edward Macrae pontua que o *Lampião da Esquina* tem esse nome para diferenciá-lo de uma editora paulistana chamada *Lampião*. Já o conselho editorial, ao comentar os motivos do atraso da primeira edição, ressalta que "foi preciso dar um sobrenome (da esquina) para evitar problemas de propriedade industrial". Ver mais em: (Rodrigues, 2007, p. 69); (Macrae, 2018, p. 143); (*Lampião da Esquina*, 1978, p. 14).

querem impor – que a nossa preferência sexual possa interferir negativamente em nossa atuação dentro do mundo em que vivemos” (Lampião da Esquina, 1978, p. 2). Como se percebe, um dos motivos de criação da publicação relacionou-se com as tentativas dos editores de desvincular as imagens dos homossexuais das representações que até o momento haviam se cristalizado em torno dessas identidades.

Durante a década de 1970, era comum nos programas de auditório da televisão brasileira a presença de figuras famosas e afeminadas. Personalidades como Clóvis Bornay, Denner Pamplona Abreu e Clodovil Hernandez, eram constantemente utilizadas para “provocar humor e gozações entre o público, sendo parte importante da popularidade desses programas” (Comissão Nacional da Verdade, 2013, p. 305) e, apesar de não serem opositores públicos do Regime Militar, eles acabaram se tornando alvos das “campanhas contra a homossexualidade e, especialmente, contra as representações de comportamentos que fugiam das noções tradicionais de gênero” (Comissão Nacional da Verdade, 2013, p. 305). Além disso, essas identidades foram repetidamente utilizadas por esses programas para construir e afirmar a composição visual de um homossexual estereotipado.

Os 11 nomes que formaram o conselho editorial, bem como as informações que foram publicadas a respeito de suas profissões e ocupações, evidenciam as narrativas de determinados editores em apresentar o jornal produzido por uma “elite cultural gay” buscando, com isso, legitimidade para falar em nome das identidades homossexuais. Frequentemente os jornais da imprensa alternativa formavam um conselho editorial composto, principalmente, por personalidades de prestígio “com a finalidade de legitimar a linha editorial, ampliar a base de sustentação do jornal ante as investidas da repressão e identificá-lo com correntes expressivas de opinião” (Kucinski, 2001, p. 9). Devido a esse perfil, os editores se consideraram os intelectuais responsáveis por apontar para novos modos de perceber e conceber as homossexualidades.

Esse perfil sociocultural dos editores chegou a ser alvo de comentários entre o público leitor. Parte dos assinantes sentiram-se contemplados pela composição do corpo editorial. O leitor do Rio de Janeiro que assina sua carta como C. S. S comenta ser “animador encontrar um grupo sério, capaz, fazendo algo em que acredita” (Lampião da Esquina, 1978, p. 15). Rogério Naccache de São Paulo, evidenciou que a “luz do LAMPIÃO abre finalmente o caminho que nos levará à luz elétrica”, expondo que a credibilidade do jornal estava no fato de ter como “colaboração direta pessoas do naipe de Darcy Penteado, João Silvério Trevisan, [...] e tantos outros” (Lampião da Esquina, 1978, p. 15).

Se, por um lado, a composição do conselho editorial agradou os leitores, por outro gerou críticas. Um assinante de Recife, que se identificou como J. C. L, ressaltou ter

achado o jornal “meio metido a intelectual” e que os editores “deviam fechar mais com o bicharêu para não parecer um jornal muito elitista”. Questiona diretamente o corpo editorial: “Onde estão os travestis? Por que não tem uma no conselho de Lampião? Só tem professor e artista? Que democracia é essa de vocês, onde o povo também não vota?” (Lampião da Esquina, 1978, p. 19). É interessante perceber a ambiguidade contida na reivindicação feita pelo leitor, pois, para ele, assim como para tantos outros, as travestis não poderiam figurar entre os intelectuais, artistas, classe média, classe alta, e a elas era relegado o lugar de povo e de subalterno. É contraditório, visto que o preconceito está muito presente nessa cobrança que os leitores fazem aos editores, por algo que chamam de democracia.

Nesse contexto, nota-se que o periódico foi produzido por artistas, jornalistas e intelectuais que tinham certa respeitabilidade e notoriedade fora do *gueto* homossexual e que as posições ocupadas pelos editores, de algum modo, influenciaram no projeto do periódico desde sua “estilística e formas discursivas até a abordagem e posicionamentos diante das temáticas que propunha” (Bandeira, 2006, p. 49).

A busca pela constituição de novas representações das identidades homossexuais, as tentativas de desassociar das representações que haviam sido construídas até o momento e os esforços de compor visualidades para as identidades homossexuais levaram os editores a fixarem o *Lampião da Esquina* para fora do *gueto*. As identidades tidas pelo discurso hegemônico como desviantes, ao performarem⁸ o gênero fora dos padrões da moralidade dominante, conseqüentemente, foge dos sistemas de regulação dos corpos e ao mesmo tempo, são “expulsos, negados e reduzidos ao silêncio” (Foucault, 1988, p. 9). Suas identidades passam a ser reprimidas. A repressão age como “[...] condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio e afirmação de inexistência [...]” (Foucault, 1988, p. 10). Esses fatores conduzem essas identidades a se ocultarem e se inserirem em *guetos*. Assim, o *gueto* se resumia em um lugar “onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social” (Macrae, 2018, p. 57).

Os *guetos* eram espaços de sociabilidade, lazer e encontros de lésbicas, travestis e gays, como, por exemplo, os bares, saunas e praças. Era nesses lugares que as identidades reprimidas conseguiam construir suas subjetividades e adquirir coragem

⁸ Como argumentado por Judith Butler, a performatividade propõe pensar a constituição do gênero como atos, gestos e atuações, que são “[...] performativos, no sentido de que a essência ou identidade são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos”. A performatividade é compreendida “[...] não como um “ato” singular ou deliberado, mas como uma prática reiterativa e citacional por meio da qual o discurso produz os efeitos daquilo que nomeia.” (Butler, 2003, p. 111).

para assumi-la em âmbitos menos restritos. Existia um movimento que pautava a valorização desses locais por considerarem um importante “[...] foco de resistência, tentando expandi-lo por toda a cidade e procurando uma diluição natural de suas fronteiras” (Macrae, 2018, p. 62). Contudo, entre essas identidades, existiam aquelas que desprezavam os *guetos*. Alguns até defendiam que esses espaços não eram adequados para a realização de suas práticas.

Diante disso, na apresentação dos objetivos do projeto político do *Lampião da Esquina*, o grupo de editores pontuou que “é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele” (Lampião da Esquina, 1978, p. 2). Para eles, era necessário teorizar e refletir as questões homossexuais fora da agitação desses espaços. Do mesmo modo que os editores, o assinante C. S. S valorizou a saída do *gueto*. Como descrito em sua carta:

O essencial é integrar-se à comunidade sem prostituir-se, sem jogar fora os seus valores [...] é necessário se atingir um tipo ideal de homossexual conscientizado de sua verdadeira realidade sexual. É preciso que isto seja sempre mostrado, o homossexual agindo conscientemente dentro de sua realidade sexual; é um indivíduo comum [...] (Lampião da Esquina, 1978, p. 15).

Da perspectiva do conselho editorial, os *guetos*, além de não teorizarem sobre os elementos que envolviam as práticas das identidades tidas como desviantes, acabavam por quimerizá-las e envolvê-las numa roupagem estereotipada de identidade, alvo fácil do preconceito da sociedade homofóbica. Assim, os editores de *Lampião da Esquina* buscaram uma nova abordagem das questões homossexuais, “[...] queriam politizar a questão. A única forma [...] era: tirá-la do gueto primeiramente, para, em seguida, questionar a postura da esquerda tradicional” (Silva, 1998, p. 400).

As *estratégias* dos editores em promover uma saída do *gueto* das identidades tidas como desviantes carregaram um conjunto de elementos simbólicos que buscaram desvincular essas identidades, principalmente dos homens gays, de representações e visualidades que os associavam ao binômio sexo/gênero, em que, ao sexo tido como biológico, corresponderia automaticamente um gênero.⁹ A estratégia do projeto político do *Lampião da Esquina* era:

destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, [...], que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que dado aos ademanos e

⁹ Conforme apresentado por Donna Haraway, é preciso levar em consideração que sexo/gênero para além de outras construções (sociais, culturais, biológicas) foi também construído linguisticamente e “o sistema de sexo/gênero adquire outras formas em outros mundos de diferenças marcadas pelo poder e com suas consequências.” Ver mais em: (Haraway, 2009, p. 206-209).

que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter [...] (Lampião da Esquina, 1978, p. 2).

Como se percebe no trecho acima, uma das razões de criação de um jornal homossexual foi desvincular os homossexuais da “imagem-padrão”, isto é, a imagem de um homossexual que tem como principal característica a busca, na constituição de sua subjetividade, da performatividade feminina, com adoção de modos, gestos, roupas e práticas relacionadas ao gênero feminino. Segundo o editorial, para acabar com essa “imagem-padrão” o *Lampião da Esquina* não pretendeu “solucionar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape” (Lampião da Esquina, 1978, p. 2). O projeto político do periódico buscou apenas lembrar que “uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraicocristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida” e que, enquanto uma minoria, era “elementar nos dias de hoje, precisar de voz”. Com isso, apesar da afirmação dos editores de que pretendiam “ir mais longe, dando voz a todos os grupos injustamente discriminados”, a ideia de “sair do gueto” representou a negação de os homossexuais serem pessoas nas quais “seu sexo não é aquele que ele desejaria ter”. Desse modo, desconstruir a “imagem-padrão” dos homossexuais envolveu um duplo deslocamento, no qual os editores buscaram desvincular os homossexuais de imagens estereotipadas, mas, conseqüentemente, construíram, em seu lugar, outra imagem que recorria a uma correspondência naturalizada entre vagina/feminino e pênis/masculino.¹⁰

Nesse contexto, procurando fugir das representações cristalizadas a respeito do homossexual enquanto um ser afeminado, o jornal buscou desvincular o gay das identidades femininas e assumiu a masculinidade como uma característica marcante da homossexualidade. Dessa forma, os editores tiveram como objetivo recusar o estigma de “bobo da corte” e reivindicaram o fato de que os “homossexuais são seres humanos e que, portanto, têm todo o direito de lutar por sua plena realização, enquanto tal.” Com isso, almejou-se preservar o sistema sexo/gênero, ou seja, ao sexo biológico (pênis) deveria corresponder a identidade de gênero masculina e toda a performatividade ligada a ela. Assim, certas publicações do *Lampião da Esquina* cobraram dos homossexuais uma performatividade definidora do gênero masculino para que ele fosse aceito e

¹⁰ Durante os anos 1960 e 1970, o conceito de gênero era marcado por diferenças sexuais. Juntamente com essas concepções, foram criadas práticas, discurso e espaços sociais específicos para discutir o gênero enquanto diferença sexual. Esses espaços são caracterizados como espaços gendrados, ou seja, “marcados por especificidades de gênero, [...] nos quais a própria diferença sexual pudesse ser afirmada, tratada, analisada, especificada ou verificada.”. Ver mais em: (Lauretis, 1994, p. 206).

reconhecido socialmente, criticando, em determinados momentos, os afeminados – por exemplo – e, claro, as travestilidades.

É importante pontuar que o projeto político e gráfico do *Lampião da Esquina* foi marcado pela contradição e não possuiu um eixo conciso e unidirecional. Nesse sentido, o periódico teve como estratégia preservar, em certa medida, o sistema sexo/gênero – visto que, ao construir um vínculo entre sexo masculino e uma certa masculinidade, distanciou-se da crítica desse sistema –; contudo, não deixava de criticar a normatização da heterossexualidade e a cisgeneridade numa sociedade binária, em que o sexo "biológico" corresponde "naturalmente" a um gênero. Assim teríamos um sistema em que só são reconhecidos dois sexos biológicos e, automaticamente, dois gêneros ligados a cada um dele – pênis: masculino e vagina: feminino. O fato apontado no fragmento, de que os homossexuais não negam seu sexo “biológico”, mas, ao mesmo tempo, não se reconhecem como gênero masculino, traz à luz justamente essa ambiguidade, visto que contém uma tentativa de desconstrução de certos elementos desse sistema.

A estratégia calculada pelo projeto político do *Lampião da Esquina*, que visou desvincular, em determinados momentos, a imagem do homossexual masculinizado de *performatividades* femininas, como por exemplo as *performatividades* travestis, precisa ser inserida em um contexto político mais geral. Os *pilares básicos*¹¹ da repressão montada pelo Regime Militar foram dirigidos, explícita e predominantemente, contra os “subversivos” e “comunistas”. Entretanto, o aparato censório e a repressão ocorreram também em torno de elementos psicossociais, ou seja, a repressão compreendia a dimensão moral, cívica e religiosa (Quinalha, 2017, p. 36). Desse modo, homossexuais, travestis, prostitutas e outras pessoas consideradas pelo regime como “perversas”, “anormais” e “desviantes” sofreram perseguições, prisões arbitrárias e outras formas de censura e violência.

Nesse contexto, a estratégia do jornal pretendeu, em certo ponto, afirmar que a homossexualidade – principalmente nos homens gays masculinizados – não representava uma prática de subversão política e sexual, no interior de uma sociedade cis heteronormativa, mas era um fator “natural” e “neutro” politicamente. Buscando desconstruir a ideologia propagada pelo Regime Militar de que a homossexualidade estava associada “a um submundo de degenerados ‘pederastas’, alcoólatras e prostitutas” (Comissão Nacional da Verdade, 2013, p. 302) o *Lampião da Esquina*, em

¹¹ Existem várias formas de analisar e entender os acontecimentos que marcaram a história do governo ditatorial no Brasil. Parte dos pesquisadores centraliza seus estudos nos *pilares básicos* que contribuíram para a manutenção do regime: a espionagem, a polícia política e a censura. Em sua produção, Carlos Fico demonstra como, a partir da promulgação dos atos institucionais número dois e cinco (AI2 e AI5), a espionagem e a censura passaram a atuar como forma de desarticular e reprimir os posicionamentos que fossem contrários ao governo. Ver mais em: (Fico, 2009, p. 169).

certos momentos, tentou se desvincular de identidades femininas e afirmar para fora dos *guetos* a figura de um *gay masculinizado*. Para os editores, era necessário mostrar que os homossexuais não queriam “viver em guetos, nem erguer bandeiras que o estigmatizassem [...]; e que sua preferência sexual devia ser vista dentro do contexto psicossocial da humanidade como um dos muitos traços que um caráter pode ter” (Lampião da Esquina, 1978, p. 2).

A afirmação do discurso da masculinidade encontra-se presente no próprio nome dado ao periódico. O título *Lampião da Esquina* e sua logomarca remetem à figura do cangaceiro, personagem histórica e símbolo da virilidade do *cabra macho* nordestino que “[...] ao tornar-se ‘da esquina’ era capaz de localizar-se no ‘desvio’ da rota recomendada pela moralidade dominante sem, contudo, abrir mão de sua masculinidade” (Bandeira, 2006, p. 36). Além de considerar o nome escolhido para o jornal como um importante vestígio de que o projeto político dos editores esteve pautado na afirmação da masculinidade, é possível perceber, através do logotipo, mais alguns indícios que sustentam essa análise:

Imagem 1. Variações da logomarca do jornal. Edições 0, 1, 3, 24, 30 e 33.



Fonte: Fonte: Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, edições 01-37, 1978-1981. Disponíveis em: <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

A partir da imagem, pode-se visualizar em um primeiro momento a figura de um cangaceiro. Mas em um segundo plano, retirando o elemento que representaria o chapéu – tradicionalmente utilizado pelos cangaceiros – tem-se a representação visual de um falo. Essa interpretação também foi realizada por um leitor em sua carta publicada na terceira edição de 1978. Ao comentar sobre suas impressões referentes à forma e ao conteúdo do *Lampião da Esquina*, o leitor expôs que o símbolo do jornal:

[...] foi interpretado como a combinação de uma representação estilizada do rebelde com a representação de um falo, é uma coisa ‘fria’, e não pode ser

considerado feio ou bonito: é como se tivesse sido feito ‘em série’; a representação fálica é uma atitude agressiva e machista; é uma posição desrespeitosa em relação às mulheres (Lampião da Esquina, 1978, p. 14).

Uma imagem, além de atuar como uma representação, isto é, como um instrumento que produz um sentido e faz “com que a coisa não tenha existência senão na imagem que a exhibe” (Chartier, 2002, p. 75), carrega uma certa autoridade que atribui aos símbolos uma relação de poder que regula e modela os espaços físicos e psíquicos (Mirzoeff, 2016, p. 748). Assim, tanto o nome escolhido para o periódico, quanto as imagens que compõem a logomarca, cuja estética visual faz lembrar um falo, foram veiculadas como símbolo do poder masculino e de uma masculinidade viril. Tais imagens, mais do que indicar “uma atitude agressiva” e ser “desrespeitosa em relação às mulheres” representam a negação de práticas femininas e de identidades que carregam como traços essas performances, tal como as das travestis. Essas imagens mostram que o projeto político do *Lampião da Esquina* pautou-se na afirmação de um sexo masculino, tido pelos editores como puramente biológico. Com isso, elas expõem que a ideia do conselho editorial, de sair do *gueto*, apontava para a inserção dos homossexuais “na cena pública, ocupando um novo lugar no imaginário coletivo ao questionar a ideia de que o isolamento em lugares de tolerância era fruto de uma preferência intrínseca a uma natureza homossexual e por si mesma obscena [...]” (Bandeira, 2006, p. 46). É preciso pontuar que, de certa maneira, sair do *gueto* envolveu a estruturação de uma espécie de traço característico essencial e metafísico que definiu os homossexuais como uma grande uniformidade e, portanto, não levou em conta as diferentes expressões das homossexualidades existentes no período de abertura democrática.

O ato de *sair do gueto* não era só assumir uma identidade individual, mas sim, fazer surgir uma comunidade que tinha especificidades próprias (Canabarro, 2015, p. 34-35). Representava a tentativa dos editores de construir uma identidade homossexual. Sair do *gueto*, além de retirar os homossexuais da “sombra” significou distinguir e classificar as identidades. Para sair do *gueto* e entrar na cena pública, foi necessário que o projeto político dos editores atuasse de forma a organizar as diversas identidades que se aglutinavam em torno da categoria de homossexuais. Ademais, para uma inserção na sociedade era essencial que os homossexuais masculinos se afastassem, em determinados momentos, das travestilidades e de suas “reações psicológicas exageradas e neuróticas” (Lampião da Esquina, 1979, p. 5).

Mantendo a moral e os bons costumes: a busca do conselho editorial pela aceitação social da homossexualidade masculinizada

Sexta-feira, 30 de maio de 1980. Entrou em circulação mais uma edição do jornal *O Estado de São Paulo*. Entre as notícias publicadas, encontra-se a matéria “o problema da mudança de sexo: repercussões ante nosso direito” (Estado de São Paulo, 1980, p. 26). Segundo a reportagem, o principal “problema” da “cirurgia de castração” decorria “da mudança artificial do sexo”. A cirurgia concedia o direito às pessoas de deliberarem a respeito de seu sexo:

Teremos então as hipóteses das travestis ou fetichistas que sentem necessidade de usar roupas, atitudes e complementos do sexo oposto ostentando a aparência do mesmo homossexual que se realiza somente com as pessoas do próprio sexo, e transexuais que possuem toda a disposição psíquica e afetiva do sexo contrário, mas não se conformam com a própria condição (Estado de São Paulo, 1980, p. 26).

Além de atribuir um peso pejorativo à cirurgia, descrita ao longo do texto como sinônimo de “síndrome de psicopatia transexual” a matéria categorizou e classificou as identidades, colocando as travestis como pessoas que “ostentavam a aparência de homossexuais”. A publicação homogeneizou as identidades tidas como desviantes e inseriu os grupos de gays, travestis e transexuais em um termo generalizante que condensou essas identidades na figura de homossexuais. A ideia de que mulheres lésbicas, homens gays, travestis e transexuais resumiam-se exclusivamente às práticas e experiências de um grupo denominado de homossexuais pairava nas representações da grande imprensa. Essa concepção também foi difundida nos discursos do Regime Militar que tratavam de homossexualidades no plural de modo a se referir a todas as formas de orientações sexuais e identidades de gênero (Comissão da Verdade do Estado de São Paulo, 2013). No próprio *Lampião da Esquina* essa ideia esteve presente. Para os editores, em determinados momentos, a homossexualidade foi definida “como um grande aglutinador de identidades mais ou menos marginalizadas e a travestilidade estava incluída nas práticas homoeróticas” (Canabarro, 2015, p. 34-35).

Em um movimento de fortalecimento das identidades tidas como desviantes – compreendidas pelo *Lampião da Esquina* no termo de homossexuais – nota-se que determinadas publicações do periódico se pautaram em uma aproximação dessas identidades. A principal tática¹² adotada pelos editores durante os percalços que marcaram a tentativa de fortalecimento dos homossexuais masculinos foi a de unificação das identidades em torno das pautas desse grupo. Na edição de número quatro, João

¹² Para Michel Certeau, tática é a ação construída dentro de um campo já estabelecido e consiste em “aproveitar as ocasiões, sem base para estocar benefícios [...] ou prever saídas”. Essa categoria foi utilizada para compreender as elaborações e reelaborações realizadas pelo corpo editorial acerca das identidades dissidentes diante das frequentes imposições promovidas pelo governo ditatorial (Certeau, 2007, p. 100).

Antônio Mascarenhas, que, ao ser acusado por seus amigos de desprezar as “bichas pintosas e os travestis”, escreveu um artigo de opinião elencando os motivos pelos quais suas concepções não poderiam ser acusadas de menosprezá-las: “julgo que não devemos dividir os homossexuais, a fim de não os enfraquecer [...] as minorias oprimidas relevem eventuais divergências para empenharem-se, coesas, na luta contra a desinformação [...]” (Lampião da Esquina, 1978, p. 9). Aponta ainda que o jornal surgiu com o objetivo de:

[...] mostrar a todos os grupos oprimidos e, em especial, os homossexuais – assumidos com descontracção, enrustidos, pintosas ou travestis – que, no fundo, os machistas são tigres de papel, desde que nós não concordemos em reconhecer os direitos que eles mesmos se atribuem (Lampião da Esquina, 1978, p. 9).

Na concepção de Mascarenhas, a união de todas as identidades tidas como desviantes em torno da figura de um homossexual coeso e singular consistia em uma tática importante para a afirmação das práticas dessas identidades diante da repressão e do apagamento posto pela sociedade. Ademais, para parte do grupo de editores era preciso que, antes da construção das singularidades de cada subjetividade tida como desviante, fosse necessária a criação de uma identidade monolítica capaz de se afirmar dentro dos parâmetros existentes na sociedade.

Frederico Jorge Dantas, colaborador do *Lampião da Esquina*, apontou na mesma direção das teorizações de Mascarenhas. De acordo com Dantas, o jornalismo *underground* homossexual deve atuar no sentido de “informar aos nossos irmãos sobre necessidades primárias, que vão desde o modo de encararmos o problema até onde e como devemos nos impor” (Lampião da Esquina, 1978, p. 5). Entretanto, para a realização dessa tarefa o jornalista mostrou ser necessário que as identidades se aproximassem e evitassem conflitos “onde pequenos grupos criticam, rejeitam e combatem o aparecimento de novas ideias, de mentalidades estruturadas numa nova filosofia de vida.” (Lampião da Esquina, 1978, p. 5).

Se, por um lado, a representação de uma identidade coesa foi necessária para a afirmação das práticas dos homossexuais diante do apagamento posto pela sociedade, por outro, foi imprescindível que houvesse um discurso – no interior desses grupos – que fosse capaz de organizar as múltiplas experiências que se mesclavam em torno da concepção de homossexuais. Na edição seis de 1978, o *lampiônico* José Fernando Bastos foi encarregado de criar uma classificação para diferenciar os significados da palavra *bicha*. A publicação do editor revelou uma grande complexidade no que diz respeito aos sentidos da palavra e apontou para doze variações do termo.

De acordo com Bastos, a *policha* era aquela identidade que não se conformava com seu corpo e recusava a masculinidade. Através de uma linguagem satirizada, expôs que a *policha* “ultrapassa os limites da tricha e toma hormônios” (Lampião da Esquina, 1978, p. 9). Nesse sentido, a *policha* estaria associada à figura de um homossexual que performa a feminilidade e rompe com os limites do gênero, como, por exemplo, as travestilidades. A *bichic*, *bicheque* e a *bichwissair*, por sua vez, consistiam nos homossexuais que possuíam uma notoriedade social e eram abastados economicamente (Lampião da Esquina, 1978, p. 9). A *bichene* e a *bichópolis* eram os homossexuais que tinham um grande apego emocional com as celebridades e que gostavam de se encontrar nos grandes centros turísticos (Lampião da Esquina, 1978, p. 9). As *bichoc* e *bichicleta* foram classificadas pelo editor por meio de seus elementos físicos. Enquanto a *bichoc* era o homossexual marcado por seus traços de “feiura”, a *bichecleta* era “a atleta, que tem mania de correr de manhã”. A *bicharm* e a *bichada* tinham como traços de suas identidades a solidão e a tristeza. E, por último, a *bicheira* e a *bichão* eram os homossexuais que performavam intencionalmente a imagem de heterossexuais (Lampião da Esquina, 1978, p. 9).

É evidente que as representações elaboradas pelo editor são limitantes, uma vez que é impossível que todas as identidades tidas como desviantes se enquadrem nesses termos restritivos. Essas elaborações não tinham o objetivo de propor uma categorização rígida ou científica, mas expressaram as narrativas do *Lampião da Esquina* a respeito de como essas identidades se colocavam no período. Durante o século XX, os sujeitos que até então não possuíam espaço emergem e começam a se colocar e reivindicar seus direitos. Nesse sentido, esses indivíduos que estão se inserindo na cena pública passam a organizar e a instituir uma nova representação. Em outros termos, buscam elaborar a sua linguagem própria e atribuir significados para suas identidades (Rodrigues, 2012, p. 20).

Dessa forma, a classificação criada por José Fernando Bastos teve como tática o emprego do humor para a afirmação de características que supostamente estariam associadas a essas identidades. A linguagem humorística empregada pelo editor, ao se revestir de um sentido de leveza – não propondo ser algo sério ou formal – operou construindo representações acerca das variações do termo *bicha* e associou a essas identidades elementos que estariam relacionados à produção de suas subjetividades. A utilização do humor funcionou como tática, pois ao não se propor ser uma estruturação rigorosa, conferiu ao texto uma narrativa incontestável que atuou criando elementos que compuseram uma determinada identidade. Um exemplo desse teor inquestionável que revestiu as elaborações criadas por Bastos pode ser observado no décimo terceiro

significado da palavra bicha criada pelo autor: a *bichata*, “aquela que se enquadrou em algumas das variações, mas vai escrever pra cá falando mal do Lampião” (Lampião da Esquina, 1978, p. 9).

Ao longo das edições do *Lampião da Esquina* é possível observar “ora de forma implícita, ora explícita, a criação de uma identidade homossexual comum” (Canabarro, 2015, p. 36). Os processos de formações identitárias colocam em contato indivíduos e grupos que passam a compartilhar um conjunto de práticas, representações e crenças (Candau, 2012, p. 11-12). Desse modo, as tentativas do corpo editorial de organizar as experiências das identidades tidas como desviantes – além de produzir uma identidade homossexual comum – levou os editores a construírem uma identidade coletiva, produzindo memórias a respeito das homossexualidades e definindo o que deveria ser lembrado e esquecido acerca dessas identidades. As identidades coletivas são estratégias discursivas e simbólicas que tentam homogeneizar e caracterizar sujeitos individuais, criando noções gerais para agrupar os indivíduos em coletivos coesos (Candau, 2012, p. 11-12). Nesse sentido, no decorrer das publicações identificamos que os editores agruparam as identidades fabricando e reafirmando uma hierarquia: entendidos ou esclarecidos; bichas/guei/¹³ deslumbradas; pintosas ou bonecas; bichas-loucas; travestis; bichas biônicas e transexuais.

A base da estrutura dessa hierarquização foi mapeada pelo historiador Ronaldo Pires Canabarro. O autor elaborou uma “escala de importância” que privilegiava como parâmetro o grau que o masculino “pesava” ou “importava mais do que o feminino”. Nesta pesquisa, utilizaram-se como base os estudos de Canabarro para demonstrar a forma pela qual os editores buscaram estruturar o grande grupo de identidades que se resumiam nos homossexuais. Além disso, nossas análises realizadas do jornal apontam para avanços e contribuições na estruturação do autor: identificamos que os termos *esclarecidos* e *entendidos* funcionavam como sinônimos, assim como as expressões *bichas*, *guei*, *deslumbradas* eram utilizadas para designar um mesmo grupo, e as categorias pintosas e bonecas constituíam uma terceira classificação.

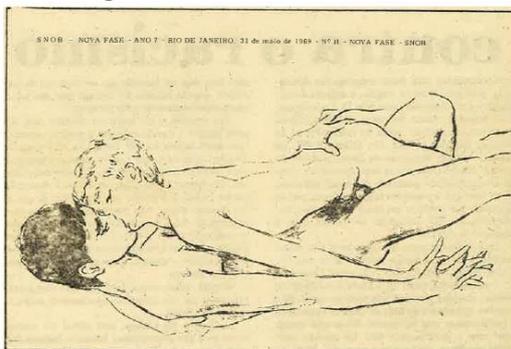
Diferente de Canabarro, nossas investigações do *Lampião da Esquina* evidenciam que o termo travesti estava mais associado às identidades que performavam o gênero

¹³ Os editores do *Lampião da Esquina*, frequentemente escreviam a palavra guei em oposição ao termo gay. Essa postura representava as escolhas semântico-políticas do periódico, que pretendiam constituir uma nova identidade homossexual. Pode significar também uma tentativa de abrigar o termo oriundo da língua inglesa, pois conforme o editor Aguinaldo Silva o periódico “bagunçou logo o coreto, traduzindo a para guei, que significa absolutamente nada”. Ademais, a linguagem escrita utilizada pelos editores é apontada por Geovane Costa como sendo própria das características dos jornais alternativos, visto que “variava de uma linguagem formal e erudita a uma linguagem mais coloquial, mais próxima da forma como se conversava nos espaços de sociabilidade homossexuais.”. Ver mais em: (Canabarro, 2015, p. 28; (Lampião da Esquina, 1978, p. 5); (Costa, 2019, p. 20).

feminino de forma momentânea e utilizavam de uma *montação* efêmera (relacionada ao uso de maquiagens e adereços que poderiam ser retirados) para se construírem. Já a terminologia de bichas biônicas foi mais utilizada pelos editores para referenciar as identidades que performavam a feminilidade e realizavam modificações corporais mais permanentes, como a utilização de implantes e próteses. Verificamos que o termo indicava aquelas identidades que vislumbravam em seus corpos formas de produzir e inventar o feminino. Ademais, notamos que existia a identidade transexual que, em alguns momentos, foi representada e classificada pelos editores.

A ideia de homossexual entendido surgiu no final dos anos 1960 com o objetivo de se contrapor à figura da “deslumbrada” e das “bonecas” (Rodrigues, 2007, p. 59). E é a partir dos anos 1970 que esse modelo passou a caracterizar o homossexual que mantinha relações sexuais com outro homem homossexual, seja de forma ativa (penetrando) ou passiva (sendo penetrado). Nesse modelo, independentemente se um homem realizasse a atividade ou a passividade na relação sexual, ele passava a pertencer à identidade de entendido (Fry, 1982, p. 93-94). Essa relação foi ilustrada na capa do jornal *Snob*¹⁴ de 1969 publicada na edição 28 de 1980 do *Lampião da Esquina*:

Imagem 2. Capa do jornal *Snob*



Fonte: Lampião Da Esquina. Rio de Janeiro, edições 01-37, 1978-1981. Disponíveis em: <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

A ilustração, como descrito na parte superior, representava a “nova fase” do jornal *Snob*. Nessa fase, a proposta era a de promover uma outra perspectiva a respeito dos homossexuais, expondo que a relação entre dois homens poderia acontecer sem que um dos parceiros precisasse abandonar os elementos de seu sexo masculino. A figura apresenta dois homens – caracterizados de forma masculinizada –; um deles com o pênis ereto e ambos de mãos dadas, afirmando que os homossexuais “entendidos” sabiam muito bem o que almejavam: se relacionar com outros homens sem que fosse necessário

¹⁴ O jornal *Snob* foi distribuído entre julho de 1963 e junho de 1969 de forma gratuita no Rio de Janeiro, nas regiões da Cinelândia e Copacabana. Possuiu noventa e nove edições regulares e uma edição “retrospectiva” e um dos fatores que levaram ao fim de sua circulação foi a intensificação da repressão à imprensa durante o governo de Emílio Medici. Ver mais em: (Green, 2006, p. 155).

assumir trejeitos femininos e abdicar de performar a sua masculinidade. Agildo Guimarães, um dos responsáveis pelo periódico, relatou em entrevista concedida ao *Lampião da Esquina* que a “nova fase” do *Snob* foi marcada por “um momento em que resolvemos ‘assumir’” e “fizemos uma campanha para adotar outros nomes que não fossem de mulher” (Lampião da Esquina, 1980, p. 6), fazendo menção aos pseudônimos femininos que os editores do boletim utilizaram para assinar as matérias das antigas edições do *Snob*. As imagens e as informações “modificam a impressão que possamos ter guardado de um fato antigo” (Halbwachs, 1990, p. 28). Nesse caso, elas indicam que entendido é o homossexual que tem clareza de sua sexualidade e, portanto, é esclarecido a respeito de sua identidade.

Assim, os homossexuais entendidos eram as identidades que representavam o “mínimo de ameaça possível à masculinidade dominante, pois apenas diferiam do homem heterossexual em sua prática sexual, mas não na aparência nem nos trejeitos” (Canabarro, 2015, p. 100). Para se afirmarem e se tornarem identidades válidas, “as representações inovadoras necessitam contemplar, ao menos parcialmente, aquilo que já se encontra em andamento, em processo de constituição no seio da própria sociedade [...]” (Rodrigues, 2012, p. 21). Desse modo, o *Lampião da Esquina*, buscando legitimidade para os homossexuais entendidos, acomodou-se na sociedade vigente. Esse movimento de busca pela aceitação social gerou, em determinados momentos, um afastamento de identidades que performavam – em maior ou menor grau – o feminino, como por exemplo, as bichas/guei/deslumbradas. Dito de outro modo, a análise realizada acima expõe que a busca de determinados editores pela aceitação social reforçou os padrões sociais vigentes.

O surgimento do *Lampião da Esquina* compõe um cenário diversificado e marcado por relações conflitivas em torno das disputas e posicionamentos das identidades no interior do grupo denominado de homossexuais (Rodrigues, 2012, p. 115). Como apontado pelo leitor José Alcides Ferreira, as bichas não poderiam ser associadas aos entendidos, isto é, aos homossexuais que são “homens normais” (Lampião da Esquina, 1978, p. 14). Assim, as bichas, gueis ou deslumbradas, estavam um pouco abaixo dos esclarecidos, pois “ainda que com características predominantemente masculinas, há trejeitos e afetações que denunciam a feminilidade” (Canabarro, 2015, p. 100). Nas edições do *Lampião da Esquina* há algumas ilustrações que exemplificam a elaboração visual das deslumbradas:

Imagem 3. Publicidade do jornal Repórter



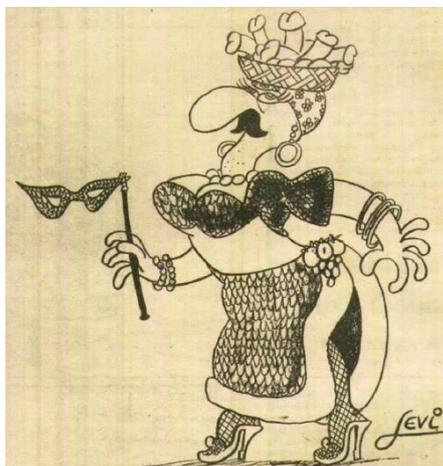
Fonte: Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, edições 01-37, 1978-1981. Disponíveis em: <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

A *imagem 3*, publicada na edição quinze de 1979, é uma publicidade do jornal *Repórter*. Na gravura existem dois homens que, apesar de seus bigodes e traços fortes de virilidade, estão em posição de “deslumbrados”, ou seja, de fascínio diante do jornal. A palavra deslumbrada é o mesmo que: alucinada, ingênua e perturbada. A pessoa que está deslumbrada tem a visão ofuscada devido à luz ou ao brilho em excesso. Deslumbrar significa, ainda, perturbar o entendimento de alguém. Nesse sentido, o homossexual deslumbrado era aquele que – apesar de seus elementos masculinos – estava momentaneamente trajando ou performando o feminino. Era a identidade que performava na maior parte do tempo sua masculinidade – não negava os traços de virilidade que constituíam seu corpo –, mas que, em certos momentos, se deixava ofuscar pelo brilho das pintosas ou bonecas, perdendo, assim, o “esclarecimento” de sua identidade e ficando em um estado de desentendimento.

As pintosas ou bonecas foram definidas pelo periódico como os homossexuais que ultrapassavam “o limite das bichas e não passam despercebidas – não têm passibilidade heterossexual e ‘dão pinta’” (Canabarro, 2015, p. 100). Para o editor João Antônio Mascarenhas, a pintosa, ao “falar com voz de falsete, fazer ademanos alambicados, dar gritinhos e requebrar os quadris” estava imitando a “mulher objeto-sexual [...] idealizada pelos machistas” (Lampião da Esquina, 1978, p. 9). Segundo Mascarenhas, esse tipo de identidade não aceitava sua “orientação sexual com naturalidade (pois a efeminação é evidentemente artificial)” e devido a isso passava a representar um empecilho para a afirmação dos homossexuais entendidos, pois, ao “dar pinta”, os pintosos forneciam “argumentos aos machistas, que se negam a admiti-los como um homem comum, que usa sua sexualidade de forma não convencional” (Lampião

da Esquina, 1978, p. 9). Em algumas edições do *Lampião da Esquina* foi apresentada a visualidade das pintosas:

Imagem 4. Cartum, edição n. 22, 1980



Fonte: Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, edições 01-37, 1978-1981. Disponíveis em: <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

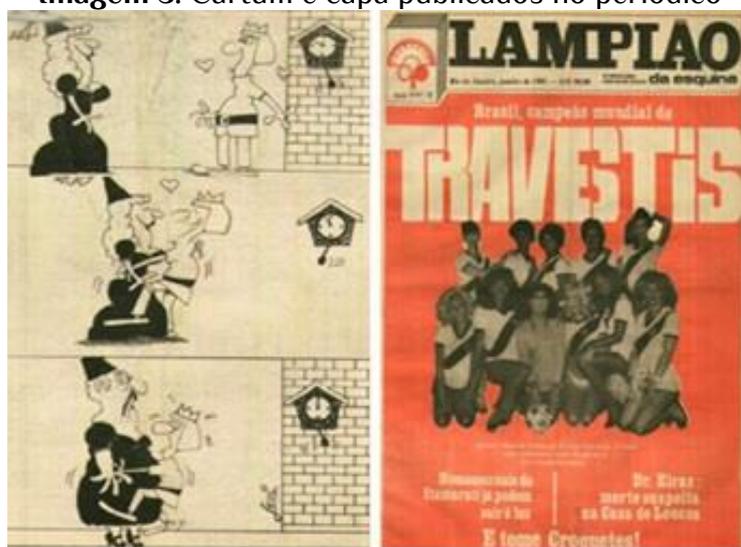
A *imagem 4*, extraída da edição 22, é um cartum que representa a visualidade do homossexual pintoso. Além de deixar ressaltado os atributos femininos que marcavam o corpo de um homossexual pintoso (como as pulseiras, o salto alto, as vestimentas) o desenho exibe uma cesta sobre a cabeça da personagem carregada de falos. A imagem reforça as elaborações criadas pelo editor de que essa identidade não aceitava sua “orientação sexual com naturalidade” e que, portanto, não se enquadrava facilmente na sociedade. Além disso, a cesta cheia de membros e os olhos da figura fixados em sua direção indicam que os homossexuais pintosos não conseguem esconder seus desejos, tendo, assim, estampado em sua cabeça suas vontades sexuais. Se o pintoso agredia por ter interiorizado os valores machistas e, com isso, passava a agir de modo não natural, ou seja, de forma mais feminina que um homossexual entendido, a bicha-louca era produzida por determinados editores como uma identidade que estava em desvairo.

Para o jornal a bicha-louca era, muitas vezes, bicha por ser feminina e louca por ser pouca esclarecida e desinformada a respeito de sua identidade homossexual (Bandeira, 2006, p. 103-104). O artigo intitulado *louca e muito da baratinada*, publicado na edição oito, de 1979, e escrito por Hector e Ricardo da Frente de Libertação Argentina no Exílio expôs que a bicha-louca tem comportamentos “exagerados” pois internalizou a opressão do patriarcado. De acordo com os autores, a bicha-louca está na beira da insanidade e, ao descartar “a possibilidade de penetrar genitalmente em seu companheiro” ocultando seu órgão genital, ela produz uma dicotomia angustiante

inserindo sua relação sexual “no campo da heterossexualidade, como uma caricatura. A louca, negando seu corpo, e obrigando seu companheiro a um determinado papel, permanecerá prisioneira do esquema machista” (Lampião da Esquina, 1979, p. 1979) e estará muito perto de se tornar uma travesti ou, no extremo de seu devaneio, uma bicha biônica.

As representações e visualidades construídas pelo *Lampião da Esquina* acerca das identidades travestis foram marcadas por muitas contradições. Assim como o termo homossexual – que funcionou como um grande guarda-chuva que abrigava identidades travestis, gays e lésbicas –, a palavra travesti foi utilizada para apresentar uma multiplicidade de experiências: “uma mais próxima do ‘ser’ travesti, com o corpo modificado [...]; e um ‘fazer’ travesti na montagem [...]. Poder-se-ia ser travesti, mas também fazer travesti, ainda que todas fossem, nos discursos correntes na época, homossexuais em uma escala de feminilidade” (Canabarro; Meyrer, 2015, p. 21-22). Existia uma dicotomia que marcou as representações dessa identidade, e as imagens abaixo apresentam algumas dessas diferenças:

Imagem 5. Cartum e capa publicados no periódico



Fonte: Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, edições 01-37, 1978-1981. Disponíveis em: <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

A imagem da esquerda é uma tirinha publicada em 1980 na edição vinte e três. Ela demonstra que a travesti é um homem que se constrói de elementos femininos que podem facilmente ser retirados ou desmontados. Nesse sentido, o desenho retrata uma mulher, mas que à meia noite perde seu “encanto” e revela sua real identidade masculina. Portanto, para os editores do periódico existiam aquelas travestis que poderiam “retirar toda a feminilidade ‘artística’ da maquiagem e adereços” (Canabarro, 2015, p. 100). Já a da

direita é a capa da edição trinta e dois, de 1981, que exhibe um grupo de travestis vestindo a camisa do time de futebol do Vasco e, abaixo, os seguintes dizeres “cinco páginas sobre as bichas biônicas, e mais uma entrevista com Rogéria, o Zico desta seleção”. Diferente da tirinha, essas travestis não podem simplesmente remover o feminino de suas identidades; elas possuem implantes, silicones e modificações que marcam permanentemente seus corpos. Segundo o jornal, são as “bichas biônicas”, ou seja, identidades que fazem parte de “um grande grupo de homossexuais masculinos, pessoas que nasceram com pênis, mas que não costumam se relacionar afetivossexualmente com pessoas que nasceram com vagina” (Canabarro; Meyrer, 2015, p. 16).

Apesar de suas transformações permanentes e da marca evidente do feminino em seus corpos, a bicha biônica ainda era vista pelos editores como parte do grupo de homossexuais. Isso é reforçado pela fotografia vinculada na capa: as travestis performam a feminilidade com seus cabelos longos, seios e implantes, mas estão vestidas com camisas de time de futebol para relembrar os vestígios de sua performance masculina.

Como apontado por Ronaldo Pires Canabarro, as representações das identidades homossexuais realizadas pelo *Lampião da Esquina* “deliberadamente não incluem as pessoas transexuais, que desde aquela época carregam o rótulo de doentes mentais” (Canabarro, 2015, p. 101). Certamente, para os editores, as transexuais não estavam totalmente associadas à identidade de homossexuais, entretanto, em algumas edições essa identidade foi representada pelo periódico e, em determinado modo, relacionada ao grupo de homossexuais e confundidas com as travestis. No artigo “homossexualismo: que coisa é essa?”, escrito por Darcy Penteado e publicado na segunda edição, de 1978, o editor apresentou que:

[...] o cérebro contém centros masculinos e femininos responsáveis pelo gênero de atuação sexual. A homossexualidade resultaria então da predominância no centro errado, isto é, do sexo oposto. Esta teoria é aceitável, mas não deixa de ser discutível, porque se encaixa perfeitamente como definição de transexualismo, mas carece de mais elementos para o homossexualismo, cujo comportamento psíquico difere, sem ser gradativo ou correlacionado com o outro citado (Lampião da Esquina, 1978, p. 2).

De acordo com o fragmento, o comportamento homossexual difere do “transexualismo”, pois esse teria como principal característica uma mudança cerebral que determinaria seu gênero “errado”. Assim, uma identidade transexual agiria de forma contrária às normas ditadas pelo seu sexo/gênero, diferente de um homossexual, que

não necessariamente tem suas práticas incompatíveis com seu sexo/gênero. A teorização de Penteado, não é um consenso entre o conselho editorial.

Para o editor Antônio Carlos Moreira, as identidades transexuais mesmo após terem “cortado tudo”, não deixam de ser “visivelmente homossexuais” uma vez que, “são os ambientes homos que elas procuram, são os amigos homos, é a mesma velha mitologia homo que elas continuam a cultivar pela vida a fora”. Para Moreira, as transexualidades mudam “a aparência, mas, debaixo desta, o que continua existindo é uma boa bicha, castrada ou não” (Lampião da Esquina, 1981, p. 5).” Na edição trinta e cinco é exibida uma ilustração que exemplifica essa concepção:

Imagem 6. Cartum, edição n. 35, 1981



Fonte: Lampião da Esquina. Rio de Janeiro, edições 01-37, 1978-1981. Disponíveis em: <<http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

A imagem expõe que, mesmo após a cirurgia, as transexuais continuam mantendo antigos costumes, pelo fato de que sua identidade ainda que diante de todas as modificações que possam ocorrer, permanece sendo masculina. De acordo com Antônio Moreira, as transexuais “são bichas que ganham um arremedo de xoxota, mas continuam com identidade masculina, ou seja, ainda são os senhores fulano de tal, e não as madames que gostariam de ser” (Lampião da Esquina, 1981, p. 5). Nesse mesmo sentido, o editor João Antônio Mascarenhas, apontou que a travesti – caracterizada por alguns editores do *Lampião da Esquina* como homossexual – em nada diferenciava de uma transexual, visto que ela chegava “a submeter-se a operações cirúrgicas para ocultar a identidade. Sua ambição máxima consiste em transfigurar-se na mulher *vamp*, no sofisticado objeto sexual tão comercializado por Hollywood nas décadas de 30 a 50” (Lampião da Esquina, 1978, p. 9). Assim, em algum modo as travestilidades foram sim associadas por parte dos editores como pertencentes aos homossexuais e como notamos, em determinadas publicações do *Lampião da Esquina*, foram alvos de

construções e classificações. Nesse ponto, é necessário perceber que o discurso médico da época (nos parâmetros atuais considerado cis heteronormativo) classificou as transexualidades como patologia e, indiretamente, esse discurso é reiterado tanto nas narrativas de Antônio Moreira quanto de Darcy Penteado ou na ilustração de Levi.

A partir da análise realizada, é possível verificar que as composições acerca das travestilidades foram motivos de disputas representacionais entre os membros que compunham o conselho editorial do periódico. Tal fato pode ser entendido, visto que, existiram conflitos entre o corpo editorial devido às diferentes perspectivas que o periódico deveria assumir. Membros como Aguinaldo Silva buscaram produzir um jornal mercadológico que pudesse ser comprado por uma quantidade maior de pessoas. Outros como João Silvério Trevisan – com influências do movimento gay de San Francisco –, direcionaram o jornal para um aspecto intelectual. Existia ainda, uma outra parte do conselho editorial que desconfiava de tudo que vinha dos EUA e direcionava o jornal para a crítica ao Regime Militar. Apesar disso, existiram dois grandes núcleos de editores que comandaram o *Lampião da Esquina* – o núcleo do Rio de Janeiro, administrado principalmente por Aguinaldo Silva, e o núcleo de São Paulo, comando sobretudo por Darcy Penteado e João Silvério Trevisan e, na maioria das vezes, como Aguinaldo desempenhava a função de coordenar a edição a palavra final do que seria publicado era dele (Rodrigues, 2015, p. 100-106).

As tensões entre os editores a respeito da perspectiva que o periódico deveria assumir se faz visível na edição trinta e dois, na qual desaparece todo o conselho editorial, ficando apenas o nome de Aguinaldo Silva como coordenador da edição. Além do mais, as disputas internas acerca da postura que o jornal deveria exercer em suas publicações são apontadas pelo editor João Silvério Trevisan como um dos motivos que contribuíram para o fim da circulação do *Lampião da Esquina*. Conforme relatado por ele em entrevista oral, Aguinaldo Silva, com o tempo não abria mais espaço para artigos enviados de São Paulo (Silva, 1998, p. 251). Cabe sinalizar, ainda, que segundo o pesquisador Jorge Rodrigues, as imagens das travestis veiculadas nas capas do jornal passaram a afastar “o leitor enrustido, ou mesmo o ‘entendido”” (Rodrigues, 2007, p. 119). Nesse sentido, os conflitos editoriais que permearam as composições das travestilidades podem ser vistos como um dos fatores, entre tantos outros, que resultaram no fim da publicação do periódico.

Considerações finais

Diante da discussão apresentada, nota-se que a ideia de uma homossexualidade masculinizada construída por parte do corpo editorial do *Lampião da Esquina* é ainda uma forma de manter o entendimento da classificação das pessoas no mundo, dentro do sistema sexo/gênero ou da diferença sexual, na medida em que as pessoas nascidas com pênis, independentemente de terem relacionamentos sexuais e afetivos com outros homens, deveriam continuar performando, socialmente, o gênero masculino. Assim, percebe-se que certas estratégias do *Lampião da Esquina* estavam ainda tentando se encaixar nos padrões de um sistema sexo/gênero e, em linhas gerais, não propunham efetivamente uma desconstrução completa desse discurso.

Por fim, observa-se que as identidades travestis foram construídas pelos editores por meio de representações conflitivas e contraditórias. Dessa forma, verificamos que não havia um consenso entre o conselho editorial acerca das práticas e imagens que representariam essas identidades. Entretanto, sendo a travesti considerada como parte dos homossexuais – seja pelos padrões impostos pela sociedade do período ou pelos discursos do corpo editorial que, em certa medida, introjetavam a mentalidade de seu tempo – foi necessário para os editores que as travestilidades fossem classificadas, representadas e enquadradas, ora como pertencente aos homossexuais, ora como identidades desvinculadas desse grupo.

Fontes

LAMPIÃO DA ESQUINA. Rio de Janeiro, edições 01-37, 1978-1981. Disponíveis em: < <http://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>>. Acesso em: 07 jun. 2022.

BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. *Ernesto Geisel*: discurso feito aos dirigentes da Arena, no palácio da alvorada. 29 ago. 1974, p. 113-122. Disponível em: < <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/ernesto-geisel/discursos/1974/17.pdf/view> >. Acesso em: 22 ago. 2022.

COMISSÃO DA VERDADE DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Ditadura e Homossexualidades*: iniciativas da Comissão da Verdade do estado de São Paulo “Rubens Paiva”. 26 nov. 2013. Disponível em: < <http://comissaoдавerdade.al.sp.gov.br/relatorio/tomo-i/parte-ii-cap7.html> >. Acesso em: 5 set. 2022.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. Texto sete: ditadura e homossexualidades. In: COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. *Relatório volume II textos temáticos*. Dez. 2014. Disponível em: < http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_2_digital.pdf >. Acesso em: 12 out. 2022.

O ESTADO DE SÃO PAULO. *O problema da mudança de sexo: repercussões ante nosso Direito*. Tribunais. São Paulo, 30 mai. 1980, p. 26. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19800530-32272-nac-0001-999-1-not>>. Acesso em: 5 set. 2022.

Referências

BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é? Sobre quando Lampião da Esquina colocou as Cartas na Mesa*. 2006. 129f. Dissertação (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2006.

BUTLER, Judith. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

CABRAL, Vinicius. *Espaço e morte nas representações sociais das travestis e transexuais femininas*. 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

CANABARRO, Ronaldo Pires. *Fazendo travestis - Identidades transviadas no Jornal Lampião da Esquina (1978-1981)*. 2015. 117 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Passo Fundo, 2015.

CANABARRO, Ronaldo Pires; MEYRER, Marlise Regina. *Travesti: textos-vestígios na construção de uma identidade-Jornal Lampião da Esquina (1978-1981)*. *Revista Tempo E Argumento*, v. 12, n. 29, 2020.

CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CERTEAU, Michel. *Estratégias e táticas*. In: *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 97-102.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. In: *À Beira da falésia: a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 61-79.

COSTA, Geovane Batista. *Lampião da Esquina, um jornal alternativo do Brasil: iluminando identidade(s) e representação(ões) do(s) homossexual(is) de 1978-81*. 2019. 239 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

DUQUE, Tiago. *Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência*. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 489-500, maio 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000200010>>. Acesso em: 16 maio 2018.

FICO, Carlos. *Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão*. In: FERREIRA, Jorge; NEVES, Lucília de Almeida. *O Brasil republicano*. v. 4, 3 ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 169-205.

FICO, Carlos. *Rumo à democracia*. In: FICO, Carlos. *História do Brasil contemporâneo*. 1 ed., São Paulo: Contexto, 2020, p. 89-123.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRY, Peter. Da hierarquia à Igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 87-112.

GREEN, James Naylor; POLITO, Ronaldo. *Frescos trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil, 1870-1980*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Vértices, 1990.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes Santiago. Entre a representação e a visualidade: alguns dilemas da relação história e cinema. *Revista Domínios da Imagem*, Londrina, n. 3, p. 65-78, 2008.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, H. (Org.). *Tendências e Impasses: O Feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LOURO, Guacira Lopes. *Um Corpo Estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade-política e identidade homossexual no Brasil da "abertura"*. Salvador: EDUFBA, 2018.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745- 768, nov. 2016. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>>. Acesso em: 17 maio 2022.

PELÚCIO, Larissa. *Nos nervos, na carne, na pele: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. 313f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

QUINALHA, Renan Honorio. *Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RODRIGUES, Jorge Caê. Um Lampião iluminando esquinas escuras da Ditadura. In: GREEN, James N; QUINALHA, Renan (orgs.). *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos -SP: EdUFScar, 2015, p. 83-123.

RODRIGUES, Jorge Luís Pinto. *Impressões de identidade: histórias e estórias da formação da imprensa gay no Brasil*. 2007. 121 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

RODRIGUES, César Felipe. *Lampião da Esquina: disputas e (Re)Construções das Masculinidades e Identidades Homossexuais do Fim da Década de 1970*. 2020. 104 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Araraquara, 2020.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. *De Daniele a Chrysóstomo: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena*. 2012. 373 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho: História Oral de Vida Política e Homossexualidade no Brasil Contemporâneo*. 1998. 674 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1998.